



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE LETRAMENTO CRÍTICO: EXPERIÊNCIAS TEÓRICO-PRÁTICAS DE LEITURA EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL

SIMONE CRISTINA SILVA BARBOSA

EIXO: 15. ESTUDOS DA LINGUAGEM

Resumo: Este artigo apresenta conhecimentos teóricos e práticos acerca do letramento crítico em aulas de língua inglesa envolvendo conto. Em um esforço para suplantar práticas pedagógicas, em uma realidade de ensino em que a leitura é pouco aprofundada, objetiva-se com essas práticas, contribuir para um melhor desenvolvimento da leitura em sala de aula e para uma educação linguística crítica e transformadora. A pesquisa, de base qualitativa, foi desenvolvida através da implementação de sequência didática no contexto de uma sala de aula de 6º Ano do Ensino Fundamental. A sequência didática aqui relatada envolve o conto "O Gigante Egoísta", de Oscar Wilde e tem objetivos despertar nos alunos o interesse por literatura inglesa, desenvolvendo a partir disto uma visão crítico-criativa sobre o mundo. Os estudos teóricos foram embasados, principalmente em Brydon (2011); Pardales, M. J.; Damico, J. S. (2001). **Palavras-chave:** Leitura; Letramento Crítico; Literatura Inglesa. **Abstract:** This article presents theoretical and practical knowledge about critical literacy in English classes involving tale. In an effort to supplant pedagogical practices in an educational reality in which reading is not deep, the purpose with these practices, is contribute to a better development of reading in the classroom and to a critical language education and transforming. The research is qualitative; it was developed through the implementation of didactic sequence in the context of a classroom of elementary school 6th Year. The didactic sequence reported here involves the short story "The Selfish Giant" by Oscar Wilde and has as main objective awaken in students interest in English literature, developing from this, a critical-creative vision of the world. Theoretical studies were based mainly on Brydon (2011); Pardales, M. J. ; Damico, J. S. (2001). **Key- words:** Reading; Critical Literacy; English Literature.

1.1 Introdução: O presente trabalho tem por escopo apresentar conhecimentos teóricos e práticos acerca do letramento crítico. É importante compreender que o letramento, processo de aprendizado por meio do uso da tecnologia da escrita, é composto por subgrupos. Apresentaremos, portanto, a diferença enquanto letramento e alfabetização, recorrendo ao Letramento crítico (LC), nosso objeto de estudo. Ser alfabetizado nem sempre significa ser autônomo na escrita, por isso existe a importância de se alfabetizar letrando[1]. De acordo com Soares (2004):

“Letramento é o estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive: sabe ler e lê jornais, revistas, livros; sabe ler e interpretar tabelas, quadros, formulários, sua carteira de trabalho, suas contas de água, luz, telefone; sabe escrever e escreve cartas, bilhetes, telegramas sem dificuldade, sabe preencher um formulário, sabe redigir um ofício, um requerimento. São exemplos das práticas mais comuns e cotidianas de leitura e escrita. (2004, p. 3)” O processo de descoberta do código escrito, ou seja, o processo de inserir a criança na prática da leitura, fazendo com que ela aprenda a decodificar os signos, recebe o nome de alfabetização. Ao compreender que a escola tem o papel de alfabetizar, muitos pais estão satisfeitos, pois acreditam que a escola já cumpri sua função (o seu papel). Todavia, conjuntamente ao domínio básico de leitura – que é a alfabetização – deve vir a criticidade – ou letramento crítico. Em nossa sociedade ser alfabetizado não é tudo. Precisamos de crianças, jovens e adultos alfabetizados, mas estes só exercem sua função de agentes sociais a partir da leitura crítica. É perceptível o quanto os professores esforçam-se para desenvolver e estimular a criticidade em seus alunos, mesmo sabendo que nos dias atuais essa torna-se cada vez mais uma tarefa desafiante. Quanto mais cedo o aluno entende a importância da leitura para sua compreensão de mundo enquanto ser pensante, melhor será o seu desenvolvimento nos aspectos políticos, sociais e culturais da vida. O desenvolvimento da consciência crítica é um dos objetos de estudo do letramento crítico. Segundo Santos e Ifa (2013, p.5 apud Cervetti, Pardales e Damico, 2001) a abordagem do letramento crítico (LC) “está fundamentada na teoria da crítica social, nos estudos de Paulo Freire e, mais recentemente, nas teorias pós-estruturalistas”, e está associada à ideia de “empoderamento” do sujeito para que ele possa, através da linguagem,

atuar nas diferentes práticas sociais, de modo a posicionar-se enquanto sujeito crítico e provocar mudanças se assim desejar. Na sociedade atual, as pessoas encontram-se em meio a diferentes ideologias e opiniões, sociedade essa que a cada dia recebe um grande acervo de informações, principalmente repassado pelos meios tecnológicos de comunicação. Dentre eles, o que se apresenta como líder: a internet. Portanto, ser consciente ao selecionar conhecimentos que agreguem valores e contribuam moralmente para a vida tornam-se essenciais. É com esse pensamento que buscamos na literatura Inglesa, implementar nossas aulas de língua inglesa, utilizando as habilidades de LC, que permitam aos participantes desse processo (discentes e docentes) interagir com os textos que lhes são expostos, não só em sala de aula, mas diariamente, os discernindo e identificando seus elementos ou problemas comuns, refletindo assim sua própria realidade, elementos ou problemas esses que somente serão detectáveis através de posturas mais inovadoras na leitura. Já diz Brydon (2011):

“O mundo contemporâneo requer habilidades de letramento avançadas e isto inclui a capacidade de pensar criticamente, incluindo contextualização, análise, adaptação, tradução de informação e interação entre os indivíduos dentro e além de sua comunidade (SANTOS & IFA. 2013 apud. Brydon, 2011, p. 105)”.

1. Objetivos gerais

O objetivo deste artigo é relatar nossas experiências com a literatura inglesa em uma sala de aula do ensino fundamental, na qual tentamos desenvolver além das práticas de leitura, o ensino-aprendizagem do vocabulário presente no conto a partir da metodologia apresentada. Nossa proposta é analisar o uso de instrumentais musicais durante a contação de histórias, e os seus efeitos sobre os leitores, remetendo então, a cultura do país presente na obra. Com o *storytelling* [2], objetivamos desenvolver nos alunos uma análise crítica sobre o seu mundo; despertar o interesse por literatura inglesa e utilizar a prática da leitura para facilitar o ensino-aprendizagem de Língua estrangeira. **2. Sujeitos** Foram observados 30 alunos iniciantes na língua inglesa em uma turma de 6º ano da Escola de Ensino Fundamental Hugo José Camelo Lima, situada na cidade de Arapiraca/ Alagoas. A faixa etária dos alunos está entre 11 e 12 anos, por este motivo, fizemos a escolha do conto “ O Gigante Egoísta” **3. Metodologia da pesquisa** Desenvolvi esta pesquisa com a colaboração de Evany Samira da Silva Santos que também faz parte do subprojeto de Letras- Inglês do PIBID-UNEAL. Adotamos a pesquisa de cunho qualitativo,

porque nosso objetivo aqui é buscar conhecimentos teóricos acerca do letramento crítico com a proposta de analisar o uso de instrumentais durante a contação de história como também do vocabulário como auxiliador na compreensão e leitura de língua estrangeira, observando-se que os conhecimentos quando aplicados remetem aos sujeitos e à cultura do país presente no conto. A pesquisa foi implementada através de uma sequência didática traduzida em 3 aulas, aplicadas nos dias 03, 05 e 10 de julho de 2015. A identificação da problemática inicial foi possível através da coleta de dados extraídos da observação em sala de aula: Anotações e gravações que nos auxiliaram na escolha dos materiais didáticos do conto e dos pontos que queríamos abordar, para então, implementar as leituras realizadas por os alunos. Após a análise dos dados, e o desenvolvimento do projeto, recorremos a teóricos para entender de maneira mais profunda as problemáticas advindas durante a pesquisa.

4.1 Investigação preliminar Contar histórias enriquece o mundo interior de quem ouvi e também de quem as lê, pois, a partir desse processo, desenvolve-se nos ouvintes-leitores o prazer e o engajamento cada vez maior no universo literário. E por consequência disso, tem-se como resultado, um acúmulo de conhecimentos preciosos que configuram uma mentalidade mais criativa, expandindo o imaginário dos leitores. Após a escolha da turma em questão, decidimos fazer uma investigação prévia da faixa etária dos alunos, e da maneira como eles se comportavam para então estudarmos as melhores hipóteses de métodos que nos proporcionassem a obtenção da finalidade desejada. Encontramos uma realidade que a princípio nos intimidou, levando em conta os conceitos não tão positivos dados por alguns professores sobre aqueles alunos, além dos alertas da coordenação quanto ao mau comportamento e irreverência dos mesmos, em sala de aula. **(Aula 1)** No Primeiro momento sentimos um pouco de receio ao nos deparar com os alunos, visto ser essa nossa primeira prática pedagógica. Era a última aula da turma e o primeiro dia de prática pedagógica, eles estavam bastante inquietos, o que já era esperado. Primeiramente, os convidamos para juntos transformar a sala em uma espécie de jardim. Para isso, utilizamos um tecido verde, como um tapete, que pudesse de alguma forma, lembrá-los da relva elemento muito presente no conto a ser trabalhado. Posteriormente, solicitamos que todos se acomodassem da maneira que para eles fosse mais confortável. Tivemos alguma dificuldade de organização, após estarem todos sentados, iniciou-se a apresentação do autor e do livro, fazendo-se algumas perguntas aleatórias; como o conhecimento deles acerca da cultura do país de Oscar Wilde, por exemplo. Em seguida, com o intuito de "prender" a atenção de toda a turma para o conto e fazer com que relaxassem o máximo possível, utilizamos recursos de apoio diversos, a princípio um instrumental celta irlandês, intitulado "Guinevere's tears" de Diane e David Arkenstone, que serviu de trilha sonora da contação de histórias, juntamente com o conto ilustrado em álbum e o seriado. A reação destes foi surpreendente, a irreverência foi arrefecida, e começaram a ficar curiosos e atentos à performance das professoras pesquisadoras no momento da contação, além de que mostraram estar de forma

mágica envolvidos na história. Finalizamos essa primeira parte em aproximadamente 20 minutos. Antes de aplicarmos a primeira aula, pensamos em qual seria o método utilizado por nós para que eles nos dessem a oportunidade de contar a história, tendo sucesso nas nossas falas de maneira que eles se sentissem envolvidos pelo conto. Pela idade e excesso de energia, deduzimos que alguns elementos como performance, entonação da voz, e o recurso audiovisual (nesse caso, a ilustração com o instrumental), poderiam chamar atenção dos alunos, visto que recursos semelhantes são utilizados pela indústria cinematográfica, para envolver os telespectadores ao texto central. **4.2 Identificação do problema 1** Sabemos que fatores emocionais sejam eles a ansiedade ou o medo influenciam diretamente no processo de ensino-aprendizagem. Pensando nisto recorreremos a KRASHEN que em suas pesquisas comentará sobre a importância da música e de canções como elementos de motivação e relaxamento.

“O estado emocional age como um filtro que pode ser ajustado para impedir ou ajudar a aquisição de uma língua. Emoções negativas, como ansiedade, desmotivação, falta de confiança agem como um filtro impedindo a aquisição da mesma. A música ajuda a criar um ambiente agradável que evoca emoções positivas, baixando o filtro efetivo e facilitando a aquisição de uma língua. (KRASHEN apud WOYCIE-CHOWSKI,2009, p.7).”

Terminamos a aula nesse primeiro dia muito satisfeitas, mesmo perdendo alguns minutos tentando nos apresentar a turma - fato este propiciado pela irreverência inicial dos alunos - e organizando o ambiente com tapete verde, comparando-o com o jardim das crianças do conto. Concluímos, então, que o Instrumental Irlandês foi o verdadeiro responsável pelo sucesso desta primeira aula. Pudemos perceber que durante a apresentação do conto, eles estiveram atentos e empolgados pelo fim da história, o que nos motivou a continuação das aulas. **(Aula 2)** No ensino-aprendizagem de LE, em especial a Língua Inglesa, é frequente ouvir-se falar em quatro habilidades linguísticas que precisam ser ensinadas, e que cada uma traz contribuições importantíssimas para o desenvolvimento da língua estrangeira. As habilidades citadas são: ler (Reading), escrever (writing), ouvir (listening) e falar (speaking). Dentre elas optamos nesta segunda aula pelo *listening* e o *reading*. Pode-se afirmar, quanto ao *listening*, que não existe nenhum bom falante da língua, se não for um bom ouvinte, e não existe uma boa escrita, se não existe uma boa leitura. Por isso, distribuimos cópias do conto em inglês, e colocamos o *storytelling* em áudio, para que os alunos acompanhassem

como seria a mesma história contada em inglês. O objetivo era aproximá-los da língua-mãe do conto, de maneira prática, e para que isso se tornasse realidade, o exercício de pelo menos algumas dessas habilidades não poderia ser excluído, neste caso as habilidades exercitadas foram *listening*, pois, ele é a chave para se obter uma fala fluente, e o *reading* através do contato da obra na sua escrita original, o inglês. Sobre uma dessas habilidades, bem analisa Harmer (2001, p.228):

“Is especially important since it provides the perfect opportunity to hear voices other than the teacher’s, enables students to acquire good speaking habits as result of the spoken English absorb, and helps to improve their own pronunciation [3](Harmer 2001, p.228)”

Depois que aplicamos o texto com o áudio, revisamos com eles os personagens da obra trabalhando o vocabulário utilizando o material da aula anterior. Trabalhamos a pronúncia de cada vocábulo como “*spring*”, “*summer*”, “*fall / autumn*”, “*winter*” e aproveitamos o momento para dinamizar o vocabulário com a pergunta, “*What is your favorite season?*”

“ Conseguimos envolver toda a turma através do questionamento, e em círculo cada um fazia a pergunta ao seu colega. Ao término da aula, distribuimos cinco questões abertas de interpretação do conto, que simultaneamente trabalhavam a escrita. Esta atividade, porém, ficou para ser corrigida na terceira aula de prática pedagógica, em virtude do pouco tempo. Percebemos que apesar de entenderem a importância do áudio, não podíamos esperar que eles o compreendessem com exatidão, visto que eram iniciantes no estudo da língua inglesa, e estudavam inglês há aproximadamente cinco meses. **4.3 Identificação do problema 2** A constatação a que chegamos sobre esta sala de aula em particular, é que os alunos evitam dar determinadas respostas por receio de que estejam incorretas, ou por medo dos colegas rirem. Pudemos perceber, de acordo com alguns comentários feitos por eles durante as aulas, que o desleixo e a desordem familiar vivenciados por alguns, implica diretamente na relação ensino-aprendizagem do conjunto. Ao analisar a sequência didática com os resultados das aulas realizadas até então se detectou que havia a necessidade de um feedback; como saberíamos se eles realmente compreenderam de fato aspecto moral e filosófico da história?

A partir do conto, eles seriam capazes de recriá-lo e fazer dele uma releitura, através da expressão oral e da performance?

Foram esses questionamentos que nortearam nossos pensamentos e nos fizeram elaborar duas hipóteses:

1. A importância do feedback para o professor;
2. O reconto como forma de feedback, para trazer à tona a maneira de apreensão textual de cada um (colocando em prática a linguagem expressiva como: a vontade de brincar, falar e se movimentar que eles tinham)

Plano de Ação (Aula 3) O feedback conhecido também como retorno é apresentado como forma de comunicação, seja ela verbal ou escrita, que nos permite a compreensão. Método muito utilizado na interação aluno e professor. Levando em conta o processo em que a pesquisa se encaminhava, unimos todos os elementos: letramento, leitura, literatura inglesa, *listening* e vocabulário em busca de implementar nesta última aula o nosso objetivo principal despertar nos alunos uma análise crítica sobre o mundo a partir da literatura inglesa. Segundo Bordenave (1982):

“Sem a comunicação cada pessoa seria um mundo fechado em si mesmo, já que é por meio dela que as pessoas compartilham experiências, ideias e sentimentos. Ao se relacionarem como seres interdependentes, influenciam-se mutuamente e, juntas, modificam a realidade onde estão inseridas. (BORDENAVE, 1982, p.36).” Na terceira e última aula de prática pedagógica queríamos receber o retorno de tudo que tínhamos feito até então. Nosso objetivo foi corrigir com eles a atividade da aula anterior, saber como interpretaram o conto e quais foram as suas dúvidas quanto ao enredo. A maioria conseguiu com sucesso desenvolver suas respostas para as cinco questões, outros disseram ter perdido a atividade, e assim optamos por dar-lhes uma nova oportunidade para juntos fazermos a interpretação textual. Para finalizar, entregamos uma folha com linhas para que elaborassem um reconto. A partir do conto de Oscar Wilde /O Gigante Egoísta, demos-lhes 15 minutos para essa atividade. **Resultados** Na aula 1, descobrimos não somente a importância do instrumental como recurso narrativo, mas também a performance realizada por nós durante o *storytelling*. Comprovamos, portanto, a eficácia de todos esses fatores para promover o foco na apreensão textual e, além disso, a quietude no ambiente da sala de aula. Na aula 2, observamos a relevância do *Listening* e do

contato com o texto na língua estrangeira. Nossa intenção não era que eles entendessem tudo o que estava sendo narrado pelo nativo, mas sim estabelecer um contato entre o conto em inglês e os seus leitores. Mesmo ainda, no estudo do vocabulário, visamos contextualizá-lo ao conto, tratando das estações do ano presentes na narrativa, mostrando-lhes, dessa forma, o quanto eles podiam adquirir de vocabulário, mesmo em um texto de língua estrangeira. Grosso modo, podemos dizer que alcançamos o objeto pretendido. Na aula 3, depois de recolher todos os recontos escritos, escolhemos cinco equipes para apresentarem. Foi o momento de analisarmos se ambas as hipóteses formuladas dariam certo. Durante as apresentações, três das equipes recontaram semelhante ao conto original e duas equipes formadas por meninos pediram para se unirem e fazerem uma peça. Na peça estes últimos, criaram outros elementos, encenando uma luta entre o gigante e as crianças, associando a figura do Gigante a meninos que praticam *bullying* em sala de aula contra os "meninos menores". Percebendo a maneira peculiar como essa equipe em especial elaborou o seu reconto, e o seu senso crítico sobre o mesmo, pode-se afirmar que o objetivo de fazer da literatura inglesa mais próxima às suas experiências cotidianas, foi alcançado, mesmo que parcialmente. **Considerações Finais** Através deste projeto foi possível concluir a importância da literatura nas aulas de inglês como contribuição não só para o ensino de LE, mas também como forma de trabalhar os letramentos e múltiplos letramentos, em especial o letramento crítico. Percebemos também que ensinar as habilidades linguísticas com o *storytelling*, pode ser dinâmico, interessante e produtivo. Esta foi nossa primeira experiência com a pesquisa prática, nos dando a possibilidade de observar dentre tantos outros fatores as facilidades e dificuldades dos alunos por meio da inclusão de todos dentro das mesmas atividades, sabendo que cada um vivencia realidades distintas, e que precisamos saber lidar com cada uma delas. De agora em diante, nossa linha de pesquisa será a pesquisa-ação, que de acordo com Lima (2014),

(...) a pesquisa-ação apresenta-se como uma opção pertinente à melhoria da formação de professores de LE autônomos e reflexivos e pode ser definida, no contexto educacional, como uma pesquisa etnográfica de cunho social, a qual fornecerá aos profissionais professores a capacidade de investigarem seu próprio ambiente de ensino e aprendizagem, refletindo sobre suas práticas, melhorando-as e, o mais importante, como uma

pesquisa que levará os professores a serem reconhecidos como os agentes principais na tentativa de intervir na resolução dos problemas, e os mais capazes de interpretar os dados (2014, p. 43-4).

Assim, trabalharemos a expansão da leitura utilizando os diversos elementos como complementos de futuras práticas pedagógicas de ensino e pesquisa. Segundo Gomes (2007), podemos entender que a utilização da pesquisa – ação como forma metodológica possibilita a quem dela faz uso condições de investir na sua própria prática de uma forma crítica e reflexiva.

“Pode-se pensar na pesquisa-ação como sendo um trabalho árduo, por existir levantamento de dados, observação, análise e demais procedimentos que envolvem uma pesquisa; no entanto de o hábito de pesquisar for incorporado ao cotidiano do professor, essa tarefa tornar-se-á mais fácil e o professor sentirá que vale a pena praticar a auto-observação em sala de aula, a fim de melhorar suas ações presentes e futuras. (GOMES, 2007, p. 206).”

O professor é aquele que leva o conhecimento e abre janelas para a imaginação e novas criações, dando a oportunidade aos seus alunos de crescerem sendo criativos, dinâmicos e críticos, exercendo isso na sua vida prática, e por consequência, na sua sociedade.

Referências Bibliográficas BORDENAVE, J. E.D. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1982. GOMES, L. Vocabulário como auxiliar na compreensão leitora de *LE*. In: SOUZA, J.P. et al. **30 relatórios de pesquisa-ação na sala de aula de línguas: projeto palínguas**. Fortaleza: Edições UFC, 2007. p. 206-227. HARMER, Jeremy. **The practice of English Language Teaching**. Copyright, Designs Patents Act 1998. LIMA, R.N. **Uma tentativa de mudança da prática de ensino de professores de inglês da escola pública de Arapiraca**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, 2014. SANTOS, R.R.P & IFA.S. **O Letramento Crítico e o Ensino de Inglês**: Reflexões sobre a Prática do Professor em Formação Continuada. *theESpecialist*, vol. 34, no 1 (1-23) 2013 SOARES. Magda. **Letramentos e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, n.25, 2004. WILDE, Oscar: **O Gigante Egoísta**. Veqa.2005(Coleção Lendas e Contos)

[1] Significa, portanto, inserir as crianças jovens e adultos no processo da leitura e escrita, porém exercitando o sentido e contexto social daquilo que se lê.

[2] Narrativa.

[3] É especialmente importante, uma vez que fornece a oportunidade perfeita para ouvir outras vozes além da voz do professor, pois, permite que os alunos adquiram bons hábitos de fala, como resultado da assimilação do inglês falado, e ajuda a melhorar a própria pronúncia: Tradução das autoras do trabalho.

*Simone Cristina Silva Barbosa graduanda do 6º período de Letras-Inglês da UNEAL e bolsista do Subprojeto de Letras-Inglês do PIBID-UNEAL /2014-2016; (simone.cristina1996@hotmail.com).

Recebido em: 07/08/2016

Aprovado em: 08/08/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: